

A DIVERSIDADE CULTURAL COMO ATO POLÍTICO: O MANGUEBEAT NO SEMIÁRIDO

Alexia de Mesquita Chaves (1); Wesley Guilherme Idelfoncio de Vasconcelos (2); Manoel Izidorio Cabral Neto (3); Sheylla Maria Lima de Sousa Furtado (4);

Universidade Federal do Cariri - UFCA alexiamesq@gmail.com (1); Universidade Federal do Cariri - UFCA wesleyguilherme1998@gmail.com (2); Universidade Federal do Cariri - UFCA manoeelneeto@gmail.com (3); Faculdade Paraíso - Fap sheylla.furtado@aluno.fapce.edu.br (4)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo realizar uma análise político sociológica do movimento cultural Manguebeat, sob a ótica do hibridismo cultural e a partir do pressuposto de que o movimento em questão foi uma forma de resistência política devido à diversidade cultural que o compõe, declarando-o como marco cultural da década de 90. O estudo parte de uma metodologia de caráter misto e ronda uma apuração de caso a partir do objeto de análise escolhido, fundamentando-se em uma averiguação bibliográfica e exploratória, de modo que se consolide base para tratar da pesquisa, propondo assim uma relação entre os campos dos estudos culturais, antropologia, movimentos sociais, sociologia e política.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade Cultural, Manguebeat, Política, Semiárido.

INTRODUÇÃO

Este artigo se propõe a realizar uma análise do movimento denominado Manguebeat, que teve seu início em Pernambuco, mais precisamente em Recife, no início da década de 90. O movimento em questão, que misturava regionalidades com elementos e ritmos da cultura pop global, marca uma mudança no cenário cultural da região na época.

O presente trabalho tem por finalidade realizar uma análise político-sociológica a respeito do movimento cultural Manguebeat, suas influências e impressões deixadas ao longo dos anos nas regiões nordestinas. O movimento retoma uma ideia de quebra e reconstrução ideológica já utilizada, mas o faz exclusivamente voltado para a população nordestina. Aliás essa liberdade de incorporação e de modificação dos gêneros de música é talvez um traço típico da cultura popular do Nordeste. É impossível pensar em uma uniformização ou em uma categorização musical quando analisamos os grupos que

o compõem. (TESSER, 2007, p. 76). Estudaremos a hibridização como construtor identitário.

O Mangubeat surge com a música mas se torna cultural por extensão, pois sua forma de protesto político de contraste também era visual, com roupas e acessórios que uniam duas realidades aparentemente distantes. A música é sempre historicamente situada e socialmente condicionada, associada às diferentes fontes extra musicais que são a ocasião e o fundamento. (SUPICIC, 1957, p.19).

Em 1992, foi divulgado o primeiro manifesto que deu forma ao movimento. Este, publicado pelo cantor Fred Zero Quatro, foi intitulado “Manifesto dos Caranguejos com Cérebro” e tratava sobre a organização de shows e outras produções artísticas para movimentar a cidade. O manifesto é separado em três partes, “O Conceito”, “A Cidade” e “A Cena”.

A partir de críticas ao sistema econômico da época, o manifesto trazia o contraste da grande metrópole com a miséria e o caos urbano que a cidade vivenciava desde os anos 60. A cidade, então, não era mais apenas Recife, era a “Manguetown”, os cidadãos, estavam finalmente reclamando o que era seu por direito através de articulações artísticas e criativas de indivíduos como o próprio Fred Zero Quatro e Chico Science. Esses artistas queriam resgatar a alma da cidade e falavam

[...] Não é preciso ser médico pra saber que a maneira mais simples de parar o coração de um sujeito é obstruir as suas veias. O modo mais rápido também, de infartar e esvaziar a alma de uma cidade como o Recife é matar os seus rios e aterrar os seus estuários [...] (CAMPOS, 2013)

METODOLOGIA

A metodologia adotada para o presente trabalho é de cunho bibliográfico, visto que pesquisa nenhuma parte hoje da estaca zero. A citação das principais conclusões a que outros autores chegaram permite salientar a contribuição da pesquisa realizada, demonstrar contradições ou reafirmar comportamentos e atitudes. Tanto a confirmação, em dada comunidade, de resultados obtidos em outra sociedade quanto a enumeração

das discrepâncias são de grande importância. (MARCONI; LAKATOS; 2012, p. 114-115).

O levantamento da bibliografia já existente sobre o Manguêbeat e as relacionadas com a linha de raciocínio a ser estabelecida no decorrer do trabalho contribuirão para o estudo proposto. A pesquisa com sondagem de conteúdo envolve análise das mensagens, dos enunciados dos discursos e da busca do significado dessas mensagens, as linguagens, a expressão verbal, os enunciados, são vistos como indicadores significativos, indispensáveis para a compreensão dos problemas ligados às práticas humanas e a seus componentes psicossociais. (SEVERINO, 2007).

Política e Cultura

Para estabelecer uma relação entre política e cultura, antes de tudo, deve-se definir antes quais conceituações para ambos termos, visto que por serem campos amplos, suas definições abrem-se em um leque diverso de opções a se utilizar. No final do século XVIII, Edward Tylor formulou a seguinte definição: “tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.” (TYLOR *apud* LARAIA, 2001).

Com relação à conceituação de cultura, também traz-se a conceituação proposta por Durval Muniz (2007), com um toque mais antropológico, segundo o professor

o que chamamos de cultura, conceito que por seu uso no singular já demonstra sua prisão à lógica da identidade é, na verdade um conjunto múltiplo e multidirecional de fluxos de sentido, de matérias e formas de expressão que circulam permanentemente, que nunca respeitaram fronteiras, que sempre carregam em si a potência do diferente, do criativo, do inventivo, da irrupção, do acasalamento. Na verdade, nunca temos cultura: temos trajetórias culturais, fluxos culturais, relações culturais, redes culturais, conexões culturais, conflitos, lutas culturais. (MUNIZ, 2007)

Com relação à política, o conceito base será o proposto por Hannah Arendt (2002) onde ela diz que

A política baseia-se na pluralidade dos homens. Deus criou o homem, os homens são um produto humano mundano, e produto da natureza humana. [...] É surpreendente a diferença de categoria entre as filosofias políticas e as obras de todos os grandes pensadores - até mesmo Platão. A política jamais atinge a mesma profundidade. A falta de profundidade de pensamento não revela outra coisa senão a própria ausência de profundidade, na qual a política está ancorada. A política trata da convivência entre diferentes. Os homens se organizam politicamente para certas coisas em comum, essenciais num caos absoluto, ou a partir do caos absoluto das diferenças. [...] O homem, tal como a filosofia e a teologia o conhecem, existe - ou se realiza - na política apenas no tocante aos direitos iguais que os mais diferentes garantem a si próprios. Exatamente na garantia e concessão voluntária de uma reivindicação juridicamente equânime reconhece-se que a pluralidade dos homens, os quais devem a si mesmos sua pluralidade, atribui sua existência à criação do homem. (ARENDR, 2002)

A partir desse conceito proposto e exposto por Arendt, pode-se realizar conexões com políticas culturais e demais preceitos relacionados à cultura, como antropologia, etnologia e a própria diversidade cultural e os estudos em torno da temática. Segundo Villaça (2018)

O século XIX instaura o conceito canônico de cultura e a disciplina que constitui o seu objeto: a antropologia cultural ou etnologia. No seu sentido etnográfico mais amplo, o termo designa este todo complexo que compreende simultaneamente o saber, as crenças, as artes, as leis e os costumes, assim como toda a outra faculdade ou hábito adquirido pelo homem enquanto membro de uma sociedade. Os modelos culturais registram diferenças e se constroem discursivamente em torno das ideias de sangue, língua, economia, religião etc. Nesse sentido, o imperialismo cultural é uma violência simbólica que se apóia sobre uma relação de comunicação que visa a extorquir a submissão, cuja particularidade consiste em universalizar os particularismos ligados à história singular. (VILLAÇA, 2018. p.19)

A relação estabelecida entre campos torna a pesquisa transdisciplinar, assim como o movimento, desse modo, transitando entre campos de estudo distintos, pode-se olhar o objeto de estudo sob óticas diferentes, possibilitando assim uma análise mais completa. No que diz respeito à diversidade, o semiárido nordestino tem essa como sua

maior marca, pode-se afirmar que das regiões, a mais diversa é a nordestina. Em um artigo de opinião sobre os ataques sofridos pelos nordestinos após o período eleitoral do primeiro turno, Vasconcelos (2018) diz que

Temos mais marcas nordestinas e mãos de nordestinos em todas as regiões do que marcas das outras regiões no Nordeste, foi aqui que tudo começou e se separasse, aqui que seria, de fato o Brasil, pois nada é mais brasileiro que a diversidade e a diversidade é uma das marcas mais fortes do nosso nordeste. (VASCONCELOS, 2018)

A relação presente entre política e cultura é notada no mangubeat em sua manifestação mais forte que foi na região semiárida brasileira, onde começou, se difundiu e se manifestou diversamente em locais com identidades culturais próprias. Referentes à questão de identidade traz-se novamente o pensamento do professor Durval Muniz (2007), seguindo a linha de que não temos uma ‘cultura’, no singular; temos fluxos culturais, que se transformam e fluem de acordo com diferentes fatores. Não podemos congelar uma cultura e isolá-la, pois “Em qualquer sociedade humana, o que caracteriza as produções culturais sempre foi as misturas, as mestiçagens, os hibridismos, as dominações, as hegemonias, as trocas, as antropofagias, as relações enfim” (MUNIZ, 2007, p.16).

O Mangubeat

O Mangubeat foi o movimento que marcou a década de 90, mesclando gêneros musicais diferentes e quebrando com o estilo homogêneo. O advento do mangubeat para a cultura da época e situações posteriores pode ser considerado como proposto por Peter Burke (2007) onde percebe-se uma ligação com a “hibridização cultural”, esfera em que há um mistura de dois fluxos culturais. Neste âmbito, práticas são assimiladas pela cultura em destaque, cristalizadas como se fossem pertencentes a ela e naturalizadas, para posteriormente serem defendidas. Não há homogeneização; há um híbrido das duas culturas conflitantes.

Para além do campo musical, o movimento também fez parte de outros setores da cultura, tais quais a moda, o cinema e a própria identidade cultural da região. De acordo com Campos (2013)

O Movimento Manguebeat inseriu a cidade do Recife, a música pernambucana e brasileira no debate sobre globalização, por fomentar a fusão de ritmos, permitindo o afloramento de uma discussão em torno das identidades locais, em que a cidade do Recife passa a ser reconhecida como uma metrópole latino americana, com todos os seus hibridismos. Inaugurou também uma linguagem musical que deu espaços para hibridismos na música pernambucana, incentivando centenas de jovens a formar a sua própria banda, o que desencadeou o aparecimento de novas bandas, que hoje se situam sob o rótulo de pós-mangue. (CAMPOS, 2013)

O Movimento veio como a versão prática dos estudos sobre a hibridização cultural, que, se caracterizaria de tal forma quando processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas (CANCLINI, 2011; p. 19). Ou seja, o Manguebeat pode ser considerado como um experimento artístico que deu certo a ponto de fundar o principal movimento cultural da década de 90, tendo como seu mais ilustre representante o grupo Nação Zumbi, capitaneado por Chico Science, que fez dessa, uma união inicialmente dionisíaca aos ouvidos mas, que se torna apolínea conforme os produtos culturais vão sendo absorvidos. Foi a mistura cultural improvável que marcou o final do século passado.

Segundo Teles (2003),

O Movimento Manguebeat abrangeu mais do que música. Foi uma espécie de renascimento para a cultura pernambucana. [...] Fez, sobretudo, o Pernambuco interessar-se pela sua própria cultura. A partir daí, os artistas populares, muitos deles condenados ao anonimato, passaram a gravar discos e a ser cultuados pela juventude, a exemplo do Mestre Salustiano, Selma do coco, Lia de Itamaracá”. Chico Science quando passou a trajar o caboclo de lança do Maracatú, acabou virando símbolo do Estado, o que era antes marginalizado. E até mesmo o cinema pernambucano ganhou destaque pela influência do manguebeat.

Conclusão

A partir das reflexões feitas aqui a respeito da importância do movimento em questão para o Brasil, país de miscigenação e multiculturalidade, espera-se que seja possível perceber o contexto político em que surgiu o movimento e o significado do hibridismo que foi utilizado por eles também como forma de denúncia e protesto. O Manguebeat articulou a conjuntura das manifestações culturais recifenses e décadas depois ainda a influencia. O movimento colocou em xeque as redes de informação massificadas e atribuiu um sentido público à mídia ao apontá-la como um meio estratégico para a transformação social. (GAMEIRO, 2008, p. 11).

De acordo com Mendonça (2008),

Além da valorização geral da produção cultural local, ao projectar toda a *cena* recifense no âmbito nacional e em certos circuitos da cultura mundializada, o *manguebeat* fez com que os artistas e outros segmentos sociais do Recife, em especial os jovens de todas as classes sociais, voltassem mais o olhar para as tradições regionais, processo que está em sintonia com a onda de revalorização das culturas populares tradicionais, como se discutirá abaixo. Este facto contribuiu para reforçar a auto-estima e as identidades sociais vinculadas a essas “heranças” culturais antes *residuais*. A própria diversidade dessa “herança” passou a estar em foco e a ser valorizada como equivalente à riqueza cultural.

Conclui-se, então, o grande valor deixado pelo movimento Manguebeat, que ainda atualmente influencia o semiárido.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Fragmentos do discurso Cultural: por uma análise crítica do discurso sobre a cultura no Brasil. In: NUSSBAUMER, Gisele Marchiori (Org.). **Teorias e políticas da cultura: visões multidisciplinares**. Salvador: EDUFBA, 2007.

_____. Fragmentos do discurso Cultural: por uma análise crítica do discurso sobre a cultura no Brasil. In: NUSSBAUMER, Gisele Marchiori (Org.). **Teorias e políticas da cultura: visões multidisciplinares**. Salvador: EDUFBA, 2007.

ARENDT, Hannah. **O que é política?** P. 05. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo. Editora Unisinos, 2003.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**. p.19. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

CAMPOS, Cynthia. **Manguebeat**. Pesquisa Escolar Online. Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2013. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=987%3Amanguebeat&catid=48%3Aletra-m&Itemid=1> Acesso em: 20 jan. 2019.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rocco. Rio de Janeiro, 1986.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Zahar. Rio de Janeiro, 1986.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**. p. 114, 115. Editora Atlas. São Paulo, 2012.

Mendonça, Luciana FM. **Culturas populares e identificações emergentes: reflexões a partir do manguebeat e de expressões musicais brasileiras contemporâneas**. *Revista Crítica de Ciências Sociais* 82, 2008, P. 85-109.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. p. 122- 23. Cortez. São Paulo, 2007.

SUPICIC, Ivo *apud* TESSER, Paula. **Mangue Beat: húmus cultural e social**. Logos, v. 14, n. 1, p. 71, 2007. Acesso em 29 out. 2018. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/15232/11534>>

_____. **Mangue Beat: húmus cultural e social**. Logos, v. 14, n. 1, p. 73, 2007. Acesso em 29 out. 2018. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/15232/11534>>

TELLES, José. **O malungo Chico Science**. Recife, Bagaço, 2003.

TYLOR, Edward. *apud* LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro, editora Jorge Zahar, 2001.

VASCONCELOS, Wesley. **Brasil “de bem” x Nordestinos com escoliose**. 2018. Disponível em: <<https://especialeleicoes.wixsite.com/2018/blog/c%C3%B3pia-de-agora-voc%C3%AA-pode-escrever-no-blog-onde-estiver>> Acesso em 18 jan. 2019.

VILLAÇA, Nizia. Políticas Culturais e Diversidade. p. 19. In: BARROS, Chalini Torquato Gonçalves de; CARRERA, Fernanda Ariane Silva (Org.). **Mídia e Democracia: caminhos para reflexão e resistência**. João Pessoa: Editora Xeroca! 2018. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1EEeJss6eV1eTAO3hKMF7RxJhIBA9wBOt/view>> Acesso em 18 jan. 2019.